

ESCRITOS GEOSÓFICOS I - A JANELA DE MAGRITTE

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho¹

Irrompida em palavras a geograficidade, cultivada a janela em algumas de suas possibilidades, escritos geosóficos desvelam uma geografia cordial: pensada junto ao coração

I. Meu limite de horizonte não me limita. Ao contrário. Me leva às profundezas da Terra, aos subterrâneos desconhecidos e obscuros embora clareados pelo fogo que pulsa e movimenta, que sobe e desce e a tudo move de lugar, mesmo que na correria do dia-a-dia esqueçamos disso e vivamos como se tudo estivesse mesmo no mesmo lugar. E, como o mundo é, em sua essência, contradições, tudo está no mesmo lugar, movendo-se. Meu limite de horizonte não me limita. Ao contrário. Me leva ao céu, oposto de chão. Entre o chão da montanha e o azul do céu (que no pôr-do-sol pode ser laranja, vermelho...) é que existimos, sempre indo ao encontro de uma nova paisagem, mesmo que muitas e muitas vezes revisitada. O céu, palco dos acontecimentos atmosféricos – a luz do sol brilhando num dia sem nuvens, o cheiro da chuva nas nuvens negras carregadas de raios e trovões, de medos ou alívios – o céu nos lembra que no alto há também o desconhecido, a incerteza do que há acima

¹ Mestre em Geografia (IG/Unicamp). geo.caegalvao@gmail.com.

✉ Rua Professor Luiz Nardy, 555, Vila Aparecida, Bragança Paulista, SP. 12912-660.

Escritos geosóficos I - A janela de Magritte
Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho

das nossas cabeças. Terra e Céu, chão e ar, calor e frio. Da minha janela, lembranças do mundo que é sempre o mesmo sendo sempre uma novidade. **(Da minha janela, o Pico do Jaraguá 1)**

II. Vista do Pico do Jaraguá a partir do bairro de Campos Elíseos, região central da cidade de São Paulo, maior cidade da região Sudeste e do Brasil, este por sua vez localizado na América do Sul. Assim, o Pico do Jaraguá, no alto de seus 1135 metros de altitude, está situado: no centro da placa sul-americana – portanto, atualmente, relativamente livre de grandes atividades sísmicas – tal qual todo o território brasileiro. Assentado em estrutura geológica denominada Escudo Cristalino, de origem no pré-cambriano (há mais de 2 bilhões de anos), local de rochas metamórficas e magmáticas. Nele encontramos rochas bastante resistentes, os quartzitos, responsáveis pelo desenho escarpado de suas encostas. É parte da Serra da Cantareira (que tem origem eruptiva, granítica) e marca a transição deste maciço para o sistema de colinas, local principal da ocupação e expansão urbana da cidade de São Paulo, pois uma região mais plana e, portanto, melhor habitável. Jaraguá, em tupi (povo que ali habitava antes da colonização) quer dizer: “senhor do vale”. **(Da minha janela, o Pico do Jaraguá 2)**

III. Não é a Itabira de Carlos Drummond de Andrade, visto que não dói nem ali nasci, mas é certo que, nas circunstâncias em que escrevo, há um quê de nostalgia. Minha filha nasceu quando ali morávamos. Fui para esse apartamento quando casamos – ou quase isso. Um chá de bebê memorável com mais de sessenta pessoas em cinquenta metros quadrados que para lá foram depois de uma chuva no parque. Reuniões animadas de carnaval – ou quase sempre isso. A escuta dos primeiros pênaltis contra Dilma Rousseff e a quase perda de voz em gritos enlouquecidos contra o eminente golpe. Gritei por Josué de Castro. [...]. Em geral o sol começava a bater na janela da sala por volta das nove da manhã, mas ainda tímido. Ia até umas três ou quatro e depois era possível vê-lo nos coloridos (também cinzas) pores-do-sol. Esticava o corpo para o sol bater na cara e esquentar a ponto de desejar água, doce ou salgada. Desejava também poder derrubar o prédio da frente a fim de ganhar mais céu e horizonte. O apartamento era alugado e muito provavelmente não mais a ele voltarei, a não ser desta vez, nestas linhas que agora terminam. **(Da minha janela, o Pico do Jaraguá 3)**

